

A representação da morte nas narrativas literárias “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa”, de Aldino Muianga

Jandira Francisco Domingos *

ORCID iD

<https://orcid.org/0009-0008-4339-1765>

RESUMO

As sociedades africanas, pré-estabelecidas e regidas com base nas suas cosmovisões culturais, possuem suas próprias concepções de cultura, de tradições, de rituais, de mortes e de crenças que envolvem este processo da morte. A partir desta perspectiva, os assuntos sobre ritos e crenças a volta dos mortos e dos antepassados são pontos centrais de abordagens nos contos “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa”, do escritor moçambicano Aldino Muianga. Pois estes elementos que envolvem o processo da morte são tidos, nestas narrativas, como constituintes importantes na estabilidade das aldeias e na preservação cultural de um determinado povo. Por este motivo, o trabalho tem como finalidade analisar a representação da morte, para determinadas tradições moçambicanas, e a partir dessa visão, analisar sobre determinadas crenças e práticas ritualísticas decorrente do processo da morte, assim como examinar como os finados são elevados às dimensões de entidades importantes na preservação cultural e na estabilidade das aldeias Sangwa e Mpissane, mencionadas nos contos. Portanto, os contos “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa” se destacam absolutamente porque trazem, em suas narrativas, uma perspectiva de análise diferenciada de assuntos como a morte. Portanto, as temáticas no conto são abordadas e expressas a partir da visão de cultura de Moçambique e de África e não da cosmovisão ocidental ou europeia.

PALAVRAS-CHAVE

Aldino Muianga; Morte; Rituais e crenças; Ancestrais; Literatura moçambicana.

ABSTRACT

African societies, pre-established and governed based on their cultural cosmovisions, have their own conceptions of culture, traditions, rituals, deaths and beliefs that involve this process of death. From this perspective, subjects about rites and beliefs around the dead and ancestors are central points of approach in the short stories “The bride of Kebera” and “The son of Mussassa”, by the Mozambican writer Aldino Muianga. For these elements that involve the process of death are seen, in these narratives, as important constituents in the stability of villages and in the cultural preservation of a certain people. For this reason, the purpose of this work is to analyze the representation of death, for certain Mozambican traditions, and from this perspective, to analyze certain beliefs and ritualistic practices resulting from the death process, as well as to examine how the deceased are elevated to the dimensions of important entities in the cultural preservation and stability of the Sangwa and Mpissane villages mentioned in the tales. Therefore, the short stories “The bride of Kebera” and “The son of Mussassa” stand out absolutely because they bring, in their narratives, a perspective of differentiated analysis of subjects such as death. Therefore, the themes in the short story are addressed and expressed from the perspective of the culture of Mozambique and Africa and not from the Western or European cosmovision.

KEYWORDS

Aldino Muianga; Death; Rituals and beliefs; Ancestors; Mozambican literature.

* angolana, Licenciada em Letras-Língua Portuguesa, pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Bolsista do programa de Residência Pedagógica (2022-2024), Letras-Língua Portuguesa, Bahia. Pesquisadora dos projetos de iniciação científica Pibic/Fapesb "Realismo, fronteiras e contato em narrativas moçambicanas e sul-africanas", no período de 2020-2021, e de "Literatura Fronteira: o caso de Moçambique e da África do Sul", no período de 2021-2022. Membro do grupo de pesquisa "Afroletrias - Grupo de pesquisa de literaturas africanas e literaturas da diáspora africana" e jornalista do Jornal acadêmico de Letras- Língua Portuguesa "O Ponto", da UNILAB, Campus dos Malês.

Représentation ya liwa na ba narratives littéraires "La mariée de Kebera" na "Mwana ya Mussassa", ya Aldino Muianga

NA MOKUSE

Ba sociétés africaines, oyo esalemi liboso mpe etambwisami na kotalaka ba cosmovisions culturelles na bango, ezali na makanisi na yango moko ya mimeseno, bonkoko, milulu, liwa mpe bindimeli oyo esangisi mosala oyo ya liwa. Na kotalaka yango, makambo oyo etali milulu mpe bindimeli nzinganzinga ya bakufi mpe bankoko ezali ba points centrales ya approche na masolo mikuse "Mwasi ya libala ya Kebera" mpe "Mwana ya Mussassa", ya mokomi ya Mozambique Aldino Muianga. Pamba te ba éléments wana oyo esangisi processus ya liwa emonanaka, na ba récits wana, lokola ba constituants importants na stabilité ya ba villages mpe na préservation culturelle ya peuple moko boye. Mpo na ntina oyo, ntina ya mosala oyo ezali ya kotalela ndenge oyo liwa ezali komonisama, mpo na bonkoko mosusu ya Mozambique, mpe na kotalela yango, kotalela bindimeli mosusu mpe mimeseno mosusu ya milulu oyo euti na mosala ya liwa, bakisa mpe kotalela ndenge oyo bakufi batombolami na ba dimensions ya ba entités importants na préservation culturelle pe stabilité ya ba villages Sangwa na Mpissane oyo elobelami na masapo. Yango wana, masolo mikuse "Mwasi ya libala ya Kebera" mpe "Mwana ya Mussassa" emonanaka mpenza mpo ememi, na masolo na bango, perspective ya analyse différenciée ya ba sujets lokola liwa. Na yango, mitó ya makambo oyo ezali na lisolo mokuse yango etalisami mpe emonisami na kotalela mimeseno ya Mozambique mpe ya Afrika kasi te na kotalela cosmovision ya Mpótó to ya Mpoto.

MALOPA YA NTINA

Aldino Muianga; Liwa; Milulu mpe bindimeli; Bankoko; Mikanda ya Mozambique.

Introdução

O presente trabalho é o resultado da pesquisa contínua do programa de Iniciação Científica Pibic/ Fapesb Bahia, intitulado ¹“Literatura fronteiriça: o caso de Moçambique e África do Sul”, e tem por finalidade analisar as crenças e as práticas ritualísticas a volta dos mortos nas obras literárias “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa”, do escritor moçambicano Aldino Muianga. Assim, dentro dessa perspectiva, inquieta-nos, de igual modo, analisar como os mortos nestes contos são elevados às dimensões de entidades importantes operam para estabilidade das aldeias Sangwa e Mpissane, supracitadas nos contos e posteriormente verificar dentro das duas narrativas os ritos e as crenças nos antepassados de um determinado povo.

Portanto, este artigo encontra-se sistematizado em três seções principais, além da parte introdutória e das considerações finais. A primeira seção destina-se à contextualização das obras literárias “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa”, bem como a biografia do autor destas obras, o moçambicano Aldino Muianga. A segunda seção terá como propósito fulcral analisar e abordar sobre os rituais e crenças à volta dos mortos e dos antepassados, que são mencionados nos contos estudados, tendo como

¹ O projeto de Iniciação Científica Pibic/Fapesb “Literatura fronteiriça: o caso de Moçambique e África do Sul, coordenada e orientado pela Profa. Dra. Ludmylla Mendes Lima.

ponto central o papel desses ancestrais na manutenção cultural dos povos das aldeias e da preservação da cosmovisão cultural de um determinado povo.

1. Aldino Muianga

Aldino Muianga, também conhecido pelo pseudônimo Khambira Khambiray, é um escritor moçambicano que nasceu em Maputo, capital de Moçambique, um país africano situado no sudoeste de África, no dia 01 de maio de 1950. Além de ser um escritor, Aldino Muianga também é formado em Medicina, pela universidade Eduardo Mondlane, localizada em Moçambique, onde se especializou em cirurgia geral. Portanto, atualmente, é docente universitário de medicina pela Universidade de Pretória, na África do Sul.

O escritor moçambicano possui diversos trabalhos literários premiados, sendo que a primeira obra literária foi publicada em 1986, denominada “A vingança de Macandza”, sob o pseudônimo “Khambira Khambiray”. Além desta obra, o autor é conhecido por obras como “*Xitala Mat*”, lançada em 1987, “*A noiva de Kebera*”, publicado em 1994, “O domador de Burros”, de 2003, “*Nghamula, o homem trova*”, publicado em 2012, entre outras obras. Para além disso, o autor recebeu diversos prêmios como TDM de 2002, com a obra literária “A Rosa Xintimane”; foi ganhador do premio da Literatura da Vinci, com a obra “Domador e outros contos”, em 2003 e, em 2017, foi homenageado pelo conselho municipal de Maputo, pelos 50 anos de carreira e pelo seu contributo no avanço da literatura moçambicana.

1.1 “A noiva de Kebera”

O conto “A noiva de Kebera”, escrito pelo moçambicano Aldino Muianga, publicado em 1994, é uma narrativa que conta a história de Ma-Mirian, a noiva de Nha-Kebera, que foi um guerrilheiro muito valoroso para o povo Sangwa. Nha-Kebera era uma figura incontornável e sobre ele repousava o espírito protetor de seu avô Mu-Mayeba, seu antepassado e ancestral. E isso, de acordo com narrativa, tornava Nha-Kebera uma representação do querer das novas gerações. Portanto, Nha-Kebera era uma lenda para o povo Sangwa, mas ele morreu em uma batalha, e essa morte criou em Ma-Mirian desolações profundas e muita solidão, pois Man-Mirian tinha a companhia de Nha-Kebera desde os seus tempos de infância. Assim, depois da morte da Nha-Kebera houve tempos de muitas colheitas e, conforme o conto parecia que o sangue de Nha-Kebera e dos outros guerreiros, mortos na batalha, transbordavam e adubavam a terra da aldeia

Sangwa e isso fez com que a terra produzisse muitas hortaliças verdejantes, as quais traziam fortunas para a aldeia. Como é descrito no trecho abaixo:

Passaram épocas de fartas colheitas depois da batalha fatal em que Nha-Kebera perdeu a vida. Parecia que o sangue daqueles guerreiros fertilizara a terra. Era só ver todo aquele verde a tapetar os campos. Nas machambas o milho grosso e alto e as mandioqueiras verdejam promessas de fartura. (Muianga, 2019, p.22)

Com a morte de Nha-Kebera, veio sobre a aldeia, sobre a família Kebera e sobre Ma-Mirian os rituais tradicionais que se davam após a morte de um indivíduo. E um desses rituais eram os serões, que eram as noites de conversas entre os familiares de Nha-Kebera durante os dias de luto. Porém, devido a traição de Ma-Mirian no passado com Kha-Kwana, morto violentamente por um touro devido a essa traição, Nha-Kebera apareceu em sonho à Ma-Mirian para falar-lhe sobre a infidelidade que ela cometera e da violação do princípio sagrado da fidelidade.

Nesse sentido, para resolver esta situação, Ma-Mirian precisava cumprir algumas obrigações impostas por Nha-Kebera durante o sonho. Os cumprimentos desses rituais auxiliariam na estabilidade e na prosperidade da aldeia, por se tratar da grandiosidade de um antepassado que morrera em defesa de seu povo. O ritual proposto por Nha-Kebera foi que em todas as noites de sexta-feira, Ma-Mirian colocassem, sob a campa de Nha-Kebera, uma gamela (tigela) de ²xima, uma gamela de caril de galinha e uma cabaça de mpeca, preparados pela própria Ma-Mirian. Outrossim, ao depositar os preparados na campa de Nha-Kebera, Ma-Mirian não deveria despedir-se de ninguém e não deveria olhar para atrás ao longo do seu trajeto até a campa. Outro detalhe importante é que, após a oferta dos preparados, Ma-Mirian deveria cantar para o falecido Nha-Kebera. Portanto, todos esses rituais propostos por Nha-Kebera foram cumpridos, mantendo assim a estabilidade e o desenvolvimento da aldeia, bem como sua relação saudável com os seus antepassados.

1.2 O filho de Mussassa

O conto “O filho de Mussassa”, do mesmo autor, escrito em 1987, narra a história de Mussassane, filho de Mussassa, que morreu vítima de tuberculose. Mussassane

² A palavra **Xima** é utilizado para designar um prato típico da culinária moçambicana. Isto é, Xima é um prato que é resultado do cozimento da farinha de mandioca ou a farinha de milho. O caril de galinha é, também, um prato típico da culinária moçambicana, que resulta no cozimento do franco com caril e outros legumes e, na maioria das vezes, é consumido com o arroz. Já a Mpeca é uma bebida de tradicional de Moçambique.

pertencia a uma das famílias abastadas e de respeitáveis tradições de sua aldeia, Mpissane. O personagem principal da narrativa, Mussassane, viajou para trabalhar nas minas de Johannesburgo, na África do Sul, como mineiro. Após vários anos de contratos, que duravam 18 meses, este trabalho deixou a sua saúde debilitada, porque cumprira vários desses contratos de 18 meses ao longo de sua vida. A saúde debilitada do mesmo fez com que sentisse a morte mais próxima. Por consequência, durante muito tempo de trabalho, Mussassane decidiu regressar à casa, porém com a consciência que a sua morte já estava próxima, pelo trabalho duríssimo que desempenhara nas minas. Como é descrito no trecho abaixo:

Aqui e mais adiante, pára e interrompe a caminhada. Apoia-se aos troncos ásperos dos cajueiros. Arfa, tosse com muito ruído e leva a mão ao peito, no gesto instintivo e inútil de acalmar as pontadas. E a vida foge-lhe aos poucos nas borras vermelho-escuras de saliva que lhe caem junto aos pés. [...]

E toda gente ficou a saber: Mussassane voltou do Djone, abastado, mas acabado, pronto a entregar o corpo à terra. (Muianga, 2013, p. 15)

Com a morte se aproximando, Mussassane decidiu reunir a família para esmiuçar os seus últimos desejos. Desse modo, Mussassane ordenou que, quando ele morresse, lhe enterrassem com todo o seu dinheiro, que era fruto do trabalho exploratório nas minas de Djone. A segunda ordenança era que ninguém devesse chorar a sua morte e nem tocar sua campa até as próximas chuvas. Tendo dito todas as ordens, durante a noite, Mussassane morreu e assim foi feito conforme desejou. Entretanto, durante uma noite, um intruso foi até a campa de Mussassane para roubar o tesouro que fora enterrado com o defunto. Porém, este violador não conseguiu roubar o tesouro, porque Mussassane retornou à vida, para defender aquilo que lhe custou anos de trabalhos, como mencionado no trecho abaixo:

Dizer que o intruso apenas se assentou é tirar mérito ao golpe do falecido. Porque aquele, mal se achanado em semelhante embaraços, procura desvencilhar os dedos da improvisada tenaz. Os dentes do defunto parecem ganhar novas energias e cerram-se com outra raiva e mais perto. E ambos arrastavam-se ao redor da cova, num passo de dança macabra, removendo areias e arrancando o capim e as pedras no chão. Tem lugar, assim, na noite negra de Betsene, o mais badalado caso dos últimos tempos. É este Mussane, filho de Mussassa, que, segundo o povo, esquecido dos rigores da morte, retornou a vida para, de dente arreganhando, vender caro o pé-de-meia que lhe custara o trabalho e a vida. (Muianga, 2013, p.19)

2. Rituais e crenças a volta dos mortos e antepassados descritos nos contos “A noiva de Kebera” e “Filho de Mussassa”

Os contos “A noiva de Kebera” e “Filho de Mussassa”, de Aldino Muianga, descrevem em suas narrativas questões voltadas aos elementos que fazem parte da cultura e do imaginário moçambicano. Assuntos como os ritos e as crenças, relativas à morte, são temáticas bordadas em culturas moçambicanas e africanas porque há uma simbologia no processo da morte. Ou seja, a morte é um fato e, para Danúbio Lihaha (2010), a morte não é apenas um fenômeno natural, mas é um produto cultural carregado de simbologias relativas ao processo da morte. Essas simbologias e representações fazem parte da construção da identidade nacional de Moçambique, pois, de acordo com Hall (2006), na modernidade, as culturas nacionais, em que nascemos, e que nos integram são fundamentadas e baseadas a partir das nossas identidades e visões culturais.

A sociedade moçambicana é composta culturalmente e socialmente por vários grupos étnicos, dentre eles se destacam os Swahilis, os Chonas, os Tsongas, os Macaus-Lomue, os Makonde, etc. Estes povos são caracterizados pela diversidade cultural que possuem, logo, além de suas organizações sociopolíticas ou de seus ritos de iniciação, também se destacam pelos seus rituais que acontecem após a morte de um indivíduo destes grupos étnicos. No caso dos povos Macua-Lomue, com base no site cultura moçambicana (2017), existem determinados ritos depois da morte, tais como: são os tios mais velhos ou os anciões da família que preparam e escolhem a sepultura e a profundidade da campa do morto e durante a escolha da sepultura, é necessário se atentar a idade do defunto, porque ela tende a ser maior ou menor tendo em conta os anos do indivíduo. Nesta ordem de ideias, esse trabalho se propõe a analisar estes assuntos, pois são importantes para determinadas culturas africanas.

Desse modo, de acordo com Carmém Lúcia Secco (2012), a representação da morte, nos textos literários moçambicanos, tem como finalidade apresentar e interpretar os sentidos poéticos e cósmicos da significação da morte para alguns povos africanos. Nesse sentido, é necessário evidenciar que os conceitos de morte, descritos neste trabalho, partem da cosmovisão cultural de alguns povos moçambicanos. Secco (2012) ainda acentua que, para algumas etnias moçambicanas, a morte é tida como uma travessia ou como um renascimento para outra dimensão do universo cósmico, no qual se permite a interação com os vivos. Essa interação pode ser feita por intermédios de

sonhos, do modo que é observado no trecho abaixo, que descreve a personagem Nha-Kebera se apresentando para Ma-Miriam:

[...] Mas, eis que a figura de Nha-Kebera se materializa no ar envolvida de panos brancos. Estranhamente, a imagem mantém-se suspensa no ar. O seu porte é majestoso e revela em todo o seu ser um poder divino, real. E diz:

“Ma-Miriam, eu sou aquele a quem, ainda menino, juraste fidelidade e amor eterno. Quiseram os espíritos dos antepassados que as nossas vidas se unissem, que compartilhássemos as alegrias da infância e as amarguras da orfandade. Como nos ensinaram, acima da nossa vida está o amor por esta terra sagrada dos sangwas, pela sua nobre história, pelos seus costumes e pelas suas tradições. Foi em defesa destes sublimes valores que verti o meu sangue. Ao fazê-lo dignifiquei o nome de Kebera e o daquela que a sabedoria dos antepassados me entregou para esposa e mãe dos meus filhos” (Muianga, 2019, p. 25-26).

Dessa forma, com a manifestação de Nha-Kebera à Ma-Miriam, por intermédio de sonhos, é observado que ele, ao passar para outra dimensão cósmica, atinge poderes, que lhe permitem tais feitos, ou seja, Nha-Kebera morreu e o seu espírito se juntou aos ancestrais. Para Diamante e Barros (2020), os rituais de morte dependem, na maioria das vezes, de quem morreu e como o indivíduo morreu. No caso da personagem Nha-Kebera, ele era um guerrilheiro grandioso que morreu em defesa de seu povo e isso tornava-lhe um antepassado carregado de poderes, em razão de seus feitos quando vivente.

Dentro da mesma linha de pensamento, Rachel (2011) observa que a morte é um evento social e cerimonial em que o indivíduo se torna um ancestral com passar do tempo. E de acordo com a narrativa “A noiva de Kebera”, a morte é uma fase de transição em que o Nha-Kebera emigrou para um outro plano cósmico. Logo, com a passagem para outro plano cósmico, Nha-Kebera obteve poderes que o permitiram ser um dos guardadores de sua aldeia Sangwa e de comunicar-se com Ma-Miriam.

Para determinadas culturas bantu³, a morte é tida como uma viagem infinita, no qual, os mortos mantêm, através das metáforas e metonímias, habilidades contínuas de comunicação com os seus familiares e antepassados, Secco (2012). Essas mensagens são fatos que são observados no conto “A noiva de Kebera”. Portanto, a comunicação entre o antepassado e a família é constante e é, por meio disso, que o antepassado manifesta as suas vontades e os seus pedidos. Isto é observado no trecho abaixo, em que Nha-Kebera manifesta vontade a Ma-Miriam:

³ Palavra usada para designar o grupo etnolinguístico situado, a maior parte, na África Subsaariana.

Hoje resolvi chamar-te à minha presença para anunciar a tua condenação pelo comportamento indigno e infame que tens manifestado. A tua questão foi demoradamente discutida em magnas assembleias de sábios antepassados e concluiu-se que violaste o princípio sagrado da fidelidade. Conspurcaste na lama a memória de um herói glorificado. Sem aguardares por uma revelação que iria restituir-te a liberdade, consentiste em ter ligações amorosas com o bastardo e leviano Kha-Kwana. E nem vergonha te faltou para a consumação da ligação ilícita. O conselho dos sábios acusa-te de traição e adultério”. (Muianga, 2019, p.26).

Dentro de algumas culturas moçambicanas, os ancestrais têm funções distintas e uma delas é a de guardar e proteger as aldeias a que pertencem. Esse fato faz com que as suas vontades, quando manifestadas, sejam cumpridas, sem hesitação, porque isso contribui fortemente para bom funcionamento da aldeia. Segundo Rosa Melo (2008), os ancestrais são espíritos intermediários e orientadores da vida dos vivos. Assim, estas manifestações auxiliam a compreender os anúncios sobre as vontades destes ancestrais, como é descrita no trecho acima.

De acordo Ciecovsky (2021), esses ritos fazem com que se olhe para a questão da morte africana como um ganho, porque a manifestação dos espíritos dos mortos e dos antepassados é constante. Portanto, por ser uma questão cultural (morte), é necessário que se analise através de um olhar que alberga a visão cultural moçambicana, que é uma visão que observa a morte como uma continuidade para um outro plano cósmico.

No conto “O filho de Mussassa”, o cenário é igual, pois antes da morte de Mussassane, ele verbaliza os seus desejos e, de acordo narrativa, tendo como base cultural de Mussassane, a vontade dele foi acatada e cumprida, porque havia uma necessidade de respeitar a vontade dos mortos. O trecho abaixo mostra quais eram os desejos de Mussassane:

-Quando eu morrer quero que me enterrem com o meu dinheiro. Com todo o meu dinheiro. Ninguém deve chorar a minha morte, nem tocar na minha campa até as próximas chuvas. [...]
A vontade dos ocultos protetores continuou implacável: ninguém chorará a tua morte e ninguém tocará a tua sepultura. (MUIANGA, 1987, p. 16-17).

A narrativa “O filho de Mussassa”, para além de descrever as vontades do personagem do Mussassane, narra também o descumprimento dessas vontades, após um certo período de sua morte. Este conto retrata que o descumprimento das vontades de Mussassane despertou o seu espírito, porque o cumprimento de suas vontades era essencial para sua passagem ou para sua continuidade em um outro plano cósmico. De acordo com Diamante e Barros (2020), os rituais de morte africana são importantes,

porque os mortos ou os antepassados seguem influenciando a vida dos aldeados. Logo, a estabilidade da aldeia e da família dependia da estabilidade do espírito do morto e a instabilidade da aldeia fora causada pelo espírito revoltado do morto. O trecho abaixo, descreve a revolta de Mussassane, pelo descumprimento de suas vontades.

Despojada a cova da almofada de notas, o violador volta as atenções para o cadáver de Mussassane. Acocora-se, debruçando-se sobre a boca do falecido. Uma a uma, retira as moedas de ouro que tilintam e produzem um som sinistro na escuridão. Falta a maior. Sente-a nas pontas dos dedos metidos até ao fundo da garganta. A moeda rola na boca como fugisse ao contacto daqueles dedos frios.

Num intrigante espasmo, a boca do defunto cerra-se com um ruído seco e entala os dedos do violador. [...]

Dizer que o intruso apenas se assustou é tirar mérito ao golpe do falecido. Porque aquele, mal se achando em semelhantes embaraços. Os dentes do defunto parecem ganhar novas energias e cerram-se com outra raiva e mais aperto. [...] (Muianga, 2013, p.19)

Portanto, de acordo com as narrativas analisadas, é importante reiterar que os desejos dos mortos devem ser cumpridos e respeitados, para o bem da aldeia, porque, ao passar do tempo, os mortos tornam-se ancestrais que velam pela estabilidade do povo. Para as culturas africanas, de acordo com Melo (2008), as mortes simbolizam a continuidade da orientação aos vivos em outro plano cósmico, no qual os ancestrais vivos, que são os conservadores da cultura, da tradição e da expressão do saber tradicional têm a função de manter o contato constante com os antepassados mortos. Por este motivo, cultuar seus ancestrais também faz parte de suas culturas. Portanto, Diop (2012), sintetiza que os túmulos em África caracterizam as residências dos antepassados e são lugares em que as oferendas são ofertadas e as rezas são feitas, com o propósito de aumentar a qualidade de vida dos aldeados.

Dentro dessa ótica, o autor nigeriano Chinua Achebe, em seu romance “O mundo se despedaça”, publicado em 1958, traduz a questão da paz, da estabilidade de uma aldeia ou de um homem, quando esse está em paz com os seus ancestrais ou com os seus antepassados, porque essa paz beneficia, em termos de colheita, a aldeia. Isto é, os antepassados, em diversas culturas africanas, são tidos como entidades que permitem a paz e também a estabilidade socioeconômica de um determinado povo. Então, a veneração aos antepassados define especialmente as relações entre os vivos e os mortos e isso traduz aos aldeados que os antepassados estão presentes na vida dos vivos, (Ribeiro, 2010).

De acordo as narrativas analisadas, tendo em conta a cosmovisão africana, observam-se que os antepassados interferem em sociedades construídas a partir dessa linha de pensamento. De acordo com Fonseca (2010), os pilares centrais de uma sociedade africana são os mais velhos e os antepassados. Ou seja, os antepassados, assim como os mais velhos, têm papéis importantes dentro de uma sociedade, porque os mais velhos estabelecem a ponte de comunicação entre os vivos e os ancestrais mortos. Logo, o culto, a crença e os rituais aos antepassados são as principais fontes de ligação com os protetores dessas sociedades africanas.

A ancestralidade remonta o código social detentor da sabedoria coletiva daqueles mais velhos, condicionados, mais das vezes, ao lugar de oráculos retentores dos maiores conselhos. Quanto mais velho e menos vivo, mais próximo se esta da fronteira invisível e imaterial da ancestralidade. Um velho leva a outro velho, um tempo leva a outro tempo e, logo, o mundo dos vivos encontra-se parêlo deste continente apenas contíguo no mundo da memória e das narrativas entremeadas dos homens e mulheres já fronteiros entre o aqui e o imponderável acolá. (SILVA, 2022, p. 255).

Em função disso, o culto e o cumprimento da vontade dos mortos fazem parte das tradições culturais de Moçambique. Similarmente, Leite (2020) declara que a ideia de nação e de cultura parte da reflexão sobre a tradição, isto significa que refletir sobre a tradição é uma maneira de pensar na ideia de nação e cultura em países como Angola e Moçambique. Portanto, o tema em questão é um assunto que faz parte dos elementos culturais da nação moçambicana. Por este motivo, é essencial ter em conta que as discussões sobre morte, sobre crenças, sobre os cultos aos antepassados, bem como o cumprimento das vontades dos mortos fazem parte do escopo cultural da nação moçambicana. E isso é observado no trecho abaixo do conto “A noiva de Kebera”, em que Sanga-Kebera, tio de Nha-Kebera, aconselha Ma-Mirian a cumprir as recomendações dadas pelo defunto Nha-Kebera:

[...]. Que podemos nós fazer contra a vontade dos mortos, se são eles que orientam a nossa vida e definem os nossos destinos? Contrariar esses desejos significa chamar sobre nós a sua cólera e as suas vinganças. Desrespeitar aquelas ordens é pedir a infelicidade para todo o nosso povo; às épocas de seca e fome seguir-se-iam epidemias que trariam o luto a todas as famílias do povo sangwa. Por isso que se cumpram pela tua mão as sábias determinações dos antepassados que tiveste a honra de escutar pela boca do querido e saudoso Nha-Kebera. (MUIANGA, 2019, p. 28-29)

Assim, estas literaturas de Aldino Muianga realçam a importância das crenças e dos ritos a volta aos mortos. Porque estes elementos fazem parte da construção da identidade cultural e da demarcam nas tradições orais de Moçambique. Ou seja, histórias como a “A noiva de Kebera”, que decorre em um cenário pré-colonial, transmite, através da oralidade, a organização social, econômica e cultural do país africano antes da invasão colonial. Concomitantemente, isso é observada também em “O filho de Mussassa”, que, por ser uma narrativa pós-colonial, relata a exploração de um trabalho escravocrata e a necessidade de preservação dos ritos a voltas do morto que anteriormente se tinham como princípios sociais e culturais a serem seguidos.

Conclusão

Em síntese, a ideia de morte, de rituais e crença aos mortos para cultura africana, em especial a moçambicana, é uma simbologia cultural e os seus significados partem dessa ideia de cultura como elemento central na formação de nação. Dessa forma, pensar em rituais significa ligar-se a ancestralidade do próprio povo, que é um ato cultural, porque estes mortos continuam influenciando e interferindo as vidas dos vivos. Por este motivo, a cultuar estes mortos torna-se uma das formas direta de comunicação com os ancestrais mortos que estão em outro plano cósmico, ressignificado pela própria cosmovisão africana ampla.

Assim, os contos estudados de Aldino Muianga expressam a contínua manifestação desses ancestrais mortos, assim como a importância de obedecê-los em suas ordenanças, por causa da estabilidade do meio social habitado. Porque existe uma necessidade de manter a constante contato com estas entidades do cosmo, porque elas ditam e orientam a vida em uma sociedade. Por esta razão, os ritos de morte são importantes, porque os mortos tendem a se transmutar em antepassados ou ancestrais que zelam pelo bem-estar da aldeia.

Portanto, a oralidade é um elemento preponderante neste processo, porque os mortos são cantados e ecoados por intermédio de canções e ofendas orais, o que lhes mantém “vivos” e ativos na vida nos aldeados. Essas simbologias fazem parte da cultura dos povos em que seus mortos atingem a dimensão de ancestral. Assim, torna-se importante frisar que, conforme Couto (2003), os mortos, em África, de modo algum morrem, mas vivem de outra maneira ou em outro plano cósmico, porque as suas interferências na vida cotidiana da aldeia fazem-se de forma constante.

REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. São Paulo: Companhia de Letras, 2009.
- CÂMARA, Crosófita; TIMBANE, Alexandre António (Org.). **Estudos Linguísticos e Literários sobre Moçambique**. Santa Catarina: Schreiber, 2022.
- CIECOSKI, Altair Sofientini. O espaço do sagrado e a presentificação da morte na obra do escritor moçambicano Mia Couto. **Revista Espaço Acadêmico**. Paraná. N. 226. p. 226-234, jan. / fev.2021.
- COUTO, Mia. **Crenças e tradições moçambicanas**. Moçambique 34. Maputo, 2003. Disponível em: http://www.ccpm.pt/34_mia_couto.pdf. Acesso em: 20 mai. de 2022.
- DIAMANTE, Loraine Martins; DE BARROS, Luzcena. Rituais de Morte Africana. **Revista Caleidoscópio**. São Paulo, vol.11, nº1 (2019), p. 27-30, 06 abr. 2020.
- DIOP, Cheikh Anta. **A unidade cultura da África**. Esferas do patriarcado na antiguidade clássica. Luanda: Ed. Mulemba da faculdade de Ciências Sociais, Universidade Agostinho Neto, 2014.
- FONSECA, Suziane Carla. **Nas Entrelinhas do espaço: o grotesco e o sagrado em Terra Sonâmbula, de Mia Couto**. Dissertação (mestrado em Teoria da Literatura) - faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2020.
- LIHAHE, Danúbio Walter Afonso. **A indizível cor da dor: morte sofrimento e reintegração em Maputo, 2010**. Dissertação (mestrado em Antropologia social e cultural) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010, p.87.
- MELO, Rosa Maria Amélia João. A morte, os defuntos e os rituais de “limpeza” no pós-guerra angolano: quais os caminhos para pôr termo ao luto? **Afro-Ásia**, Salvador, n. 37, p.1-26, 2008.
- MENEZES, R.; GOMES, E. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 1, p.90-131, 2012.
- MUIANGA, Aldino. **A noiva de Kebera**. São Paulo: editora Kapulana, 2019.
- _____. **Xitala-Mati**. Maputo: Alcance, 2013.

RIBEIRO, Ludmila Costa. **A cosmovisão africana da morte**: um estudo a partir do saber em Mia Couto, 2010. Dissertação (mestrado em Literatura) - faculdade de Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010, p. (1-105).

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. Travessias e margens da existência: representações da morte em textos literários de Angola e Moçambique. **Revista Navegações**. Rio de Janeiro. vol. 5, nº 1. p. 68-72, jan. /jun., 2012.

Recebido em: 12/10/2023

Aceito em: 12/04/2024



Para citar este texto (ABNT): DOMINGOS, Jandira Francisco. A representação da morte nas narrativas literárias “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa”, de Aldino Muianga. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº1, p.293-305, jan./abr. 2024.

Para citar este texto (APA): Domingos, Jandira Francisco. (jan.-abr. 2024). A representação da morte nas narrativas literárias “A noiva de Kebera” e “O filho de Mussassa”, de Aldino Muianga. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (1): 293-305